

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : JT

CLASS. : 03

DATA : 20 01 89

PG. : 17



O ecólogo Philip Fearnside...



... impressionou os visitantes no seminário do Inpa.

Ambiente

Seis horrorizados americanos ao fim de uma viagem pela Amazônia

“O governo brasileiro tem instrumentos para cuidar de seu meio ambiente. Falta vontade política.” Assim o senador republicano John Heinz resumiu o relatório que a comitiva de parlamentares americanos levou ontem para o seu país, após dez dias de viagem pelo Brasil. O senador Albert Gore, candidato perdedor na convenção democrata que escolheu Michael Dukakis como candidato do partido à eleição presidencial, chegou a usar a expressão “horrorizado” em relação à questão ambiental. Os quatro senadores e dois deputados americanos passaram a manhã no Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa) e saíram de lá, rumo ao aeroporto, prometendo exigir maior rigor dos bancos nos empréstimos externos encomendados pelo Brasil, principalmente para a construção de hidrelétricas.

Na sexta-feira, quando estiveram em Brasília, Thomas Lovejoy, do Smithsonian Institute e ex-vice presidente da World Wildlife Fund (WWF — Fundo Mundial da Vida Silvestre), sugeriu a criação no Brasil de uma fundação financiada pelos americanos e gerenciada por brasileiros. O governo não gostou do que ouviu, alertado pelos setores militares que enxergam em medidas deste tipo em reforço à tese da “internacionalização da Amazônia”.

Mas a situação do Inpa faz sombra a este temor. Golpeado pela reforma administrativa desta semana e por cinco anos de

escassez de verbas, o Inpa funciona hoje à base dos convênios que mantém com instituições estrangeiras. “Os projetos são financiados e gerenciados por estrangeiros”, garantiu um importante pesquisador do instituto. O projeto “Dinâmica Biológica de Fragmentos Florestais”, mantido na região pela WWF, consome US\$ 500 mil por ano repassados pelos Estados Unidos. Os outros US\$ 500 mil provenientes do Inpa só mantêm a parte operacional: instalações, equipamentos, salários.

Entre os milhares de funcionários públicos que o governo quer demitir estão 349 dos 1.022 funcionários do Inpa. Destes, 112 são pesquisadores, o que reduzirá a equipe de cientistas a 136 pessoas. “Saio daqui mais preocupado do que quando cheguei”, comentou John Heinz. Para o senador, é lamentável que o governo brasileiro não dê valor ao Inpa nem utilize as informações científicas que produz há 33 anos, desde que foi criado. O diretor do Inpa, Herbert Schubart, aguarda ansioso a definição do orçamento para 89. “Estavam programados NCz\$ 6,8 milhões, o que daria apenas para continuarmos funcionando”, explicou.

O biólogo norte-americano Philip Fearnside, PhD em Ecologia, com 13 anos de vivência na Amazônia, deixou a comitiva de parlamentares norte-americanos impressionada, ontem, durante o seminário promovido pelo Inpa para fornecer-lhes in-

formações científicas. “A hidrelétrica de Balbina (no Amazonas, à cerca de 200 quilômetros de Manaus) não precisava ser construída. Foram gastos US\$ 1 bilhão para inundar uma área igual a de Tucuruí e gerar 32 vezes menos energia por quilômetro quadrado de floresta sacrificada do que na usina paraense”, demonstrou Fearnside. A reação americana foi bombástica: “Os bancos não podem mais conceder empréstimos para este tipo de projeto”, disse, no calor dos debates, o senador Albert Gore.

O lago de Balbina, que a Eletronorte — mesmo admitindo hoje que foi o maior erro do setor energético brasileiro — marcou para inaugurar no próximo dia 4, “além de dizimar 90% da população dos índios Waimiri-Atroari, está vindo apodrecer em seu leito 6 milhões de metros cúbicos de madeira”, informou o ecólogo.

Mas o que mais assustou os políticos americanos foi a contribuição que as hidrelétricas malplanejadas prestam ao “efeito estufa”. O plano 2010, da Eletrobrás, prevê a inundação de 2% da área de mais de 5 milhões de quilômetros quadrados da Amazônia. As áreas inundadas, segundo pesquisa feita pela Nasa na região, provocam o aumento de carbono metano na atmosfera. E, explicou Fearnside, “o metano é um agente cinco vezes mais poderoso do que o CO2 no aumento da temperatura”.

Mônica Torres Maia/AE